

A escrita de cartas e a autoformação docente na educação em ciências**Letter writing and teaching self-formation in science education**

DOI:10.34117/bjdv6n10-580

Recebimento dos originais: 26/09/2020

Aceitação para publicação: 27/10/2020

Caroline Barroncas de OliveiraUniversidade do Estado do Amazonas – UEA
carol_barroncas@yahoo.com.br**Mônica de Oliveira Costa**Universidade do Estado do Amazonas – UEA
mwmcosta@gmail.com**Amarildo Menezes Gonzaga**Instituto Federal do Amazonas – IFAM
amarildo.gonzaga@yahoo.com.br**RESUMO**

Nesse trabalho, questionamos: de que forma a escrita de cartas para si potencializa pensar/problematizar o processo (auto)formativo docente em Ciências? Nosso movimento parte do campo da (auto)formação docente, pois assumimos o pressuposto que a escrita de si possibilita o autoconhecimento do sujeito professor-formador. Pela escrita da carta, reconhecemos que não é fácil um processo acadêmico que promova a Experiência formativa a não ser pelo imbricamento da vida em suas múltiplas dimensões, por deslocar modos de ver em meio ao movimento das incertezas, das frustrações e alegrias, das limitações e potencialidades. É por meio desse percurso movente que nos relacionamos e construímo-nos frente às escolhas de vida, das relações que criamos com a própria Educação em Ciências.

Palavras-chave: Cartas, (Auto)formação, Educação em Ciências.

ABSTRACT

In this work, we ask: how does letter writing for you enhance thinking / problematizing the (self) training process in science? Our movement starts from the field of (self) teacher education, since we assume that the writing of oneself enables the self-knowledge of the teacher-trainer subject. By writing the letter, we recognize that it is not easy for an academic process that promotes the Formative Experience, except for the overlapping of life in its multiple dimensions, for shifting ways of seeing amid the movement of uncertainties, frustrations and joys, limitations and potentialities. It is through this moving path that we relate and build ourselves in the face of life choices, the relationships we create with Science Education itself.

Keywords: Letters, (Self) training, Science Education.

“DA VIDA, TODAS AS VIAS, POR MEIO DAS DÚVIDAS”

Estimado Leitor,

São os rabiscos rascunhados em nossos estudos que trazemos para discutirmos a (auto)formação de professores que pesquisam e ensinam sobre Educação em Ciências no curso de Pedagogia e em outras licenciaturas da área. Essas questões têm ganhado centralidade em nosso fazer docente e em nossas investigações. Nesse trabalho, nosso movimento parte do campo da (auto)formação docente, pois assumimos o pressuposto que a escrita de si no exercício docente possibilita o autoconhecimento do sujeito professor-formador, ou seja, olhar para nossas práticas e compreender os modos como nos formamos professores constitui um processo de (auto)formação já que “a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino” (NÓVOA, 1992, p.17)

Nesse processo de viver à docência envolta de toda sua complexidade evocamos alguns questionamentos: como nós professores estamos experienciando a autoformação ao pensar sobre formação docente em Ciências? Bem como, de que forma a escrita de cartas para si potencializa pensar/problematizar o processo (auto)formativo docente em Ciências?

Ao tomar as experiências (auto)formativas do pesquisar e ensinar em Educação em Ciências estamos na tentativa de usar a escrita de cartas como instrumento de (auto)formação de professores de Ciências. Pois, assumimos a ideia de que não basta proferir a ideia que a formação do professor é incessante se nosso processo de atuação investigativa e pedagógica também não somos convidados a olhar para as nossas próprias experiências e vermos os desafios no trabalho docente. E um dos nossos maiores desafios é a atitude de abertura, de entrega ao desconhecido, ao estranho, ao ponto de nos deparar com perguntas como: “Até que ponto nos deixamos efetivamente transformar? Até que ponto aceitamos modificar nossas certezas consoladoras?” (FISCHER, 2005, p.12).

Então, com o desejo de ampliarmos os horizontes de leitura e percebermos outras produções, outros modos de escrever, outros modos de professorar que nos desnudamos enquanto docente, pesquisador(a), pessoa ao explorar outros caminhos em busca de fissuras (auto)formativas. Uma vez que,

“escrever cartas é escrever-se. Muito além de simplesmente encurtar distâncias físicas, pode ser a formulação de pensamentos ou a expressão de sentimentos [...] que não puderam ser verbalizados por motivos diversos, como o profundo desejo de ver materializado o abstrato” (ZANI, 2018, p.117).

Essa exposição de si fala como fomos e estamos sendo subjetivados. São verbalizações singulares de como nesse processo de constituição docente de professores em Educação em Ciências no curso de Pedagogia e outras licenciaturas fomos atravessadas pelas memórias formativas que

revelam como passado e presente estão relacionados à constituição do ser professor(a) de Ciências. E a partir das questões históricas que nos possibilitaram perceber outros modos de ser e estar na docência mostra a multiplicidade como eixo formativo na Educação em Ciências.

Assim, objetivamos tecer, com as confissões de professores formadores, possibilidades inventivas de experiências na (auto)formação a partir de uma carta à nossa docência em Educação em Ciências. A escrita desta carta aconteceu no mês de maio, período que corresponde o final do tempo de chuvas no Amazonas (inverno amazônico), motivada por experienciar a escrita de cartas como uma alternativa metodológica de autoformação docente.

CARTA À NOSSA DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS

Manaus, final de inverno amazônico de 2019.

Cara docência,

Como vai? Espero que não se assuste ao receber esta carta, pois ainda não tínhamos conversado de forma tão próxima. Mas, estamos aqui para dialogar com você sobre nossas ideias e reflexões que nos mobilizam em pensar sobre você perante a formação docente em Ciências nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Queremos deixar registrado o quanto você se faz viva e vibrante em nossas vidas, com importância de nos proporcionar a inquietude mobilizadora de nos constituir professores formadores de docentes que ensinam Ciências para os anos iniciais, assim docentes que ensinam e investigam na/sobre a área de Educação em Ciências. E esta relevância em nossa formação é a mesma que Barros (2006, p.14) evoca quando diz “Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”. Isto é, o encantamento de criar e inventariar outras docências, pois ao mesmo tempo que você se olha é possível produzir outros modos de professorar Ciências.

Sei que estais passando por momentos turbulentos com tantos retrocessos educacionais em nosso país materializados em cortes, desrespeito, violência que nos tiram o fôlego. Mas, esperamos que esses períodos possam ser molas propulsoras para problematizar os caminhos pedagógicos escolhidos por você. Pois, consideramos que a (auto)formação é um movimento de dentro para fora do sujeito, pois fragiliza o que em nós está fixo, firme e verdadeiro com a mesma potência que mobiliza e articula a nos aventurarmos pela produtividade das narrativas: não se repetem, nunca estão prontas, nos aproximam das experiências, das relações, da memória e da leitura de si. Este processo de leitura entendido como formação e a formação como leitura, trata-se de pensar a leitura “como algo que nos forma (ou nos de-forma e nos trasn-forma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão naquilo que somos” (LARROSA, 2002, p.133).

E o que somos diante a área de Educação em Ciências? Sei que você se questiona ao pensar sobre o sujeito professor da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, ou no acadêmico de Pedagogia ou o professor com graduação em Normal Superior/Pedagogia quando é identificado, taxado, fixado como aquele que supostamente não tem ‘lugar’ de discussão no Ensino de ou Educação em Ciências, por ser considerado um profissional sem base formativa para tal área de conhecimento. Porque saber ensinar Ciências é dito como sinônimo dos conteúdos: água, eletricidade, plantas, animais, outros. Daí a suposta necessidade de tantos projetos e cursos de formação continuada destinados a estes profissionais como forma de ‘suprir’ o que não foi trabalhado na graduação, como muitos falam - cursos complementares.

Mas, o que realmente é entendido como complementar? A incompletude não é essência na formação docente? Será que esta ideia perpassa pela via ideológica de marcação de territórios dos professores DE Ciências e dos QUE ensinam Ciências? Se somos formadas para ensinar Ciências, e somos garantidas por lei para isso, porque não somos deste espaço, deste lugar chamado Ensino de Ciências? Será que Ensino de Ciências se trata dos conteúdos ditos da área, somente? Será que o Ensino de Ciências é da Biologia, Química e Física? Somente estes cursos formam os professores de Ciências que são autorizados a pensar e ensinar Ciências? Às vezes penso que não estamos falando do Ensino de Ciências, mas somente das Ciências, pois como pensar o ensino sem as teorias pedagógicas? Didáticas? Planejamentos? Não estaria tudo entrelaçado?

Você deve lembrar desses questionamentos e muitos outros que permearam nosso processo formativo e são esses pensamentos que fixam e asfixiam o nosso ato de professorar, nossa potência de vida ao tratar do nosso pertencimento na área de Educação em Ciências. Assim pensamos na urgência de “[...] (re)encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida” (NÓVOA, 1991, p. 13). Tentamos pensar em possibilidade de viver você no Ensino de Ciências, uma docência múltipla, vibrante, carregada de nós e dos outros atravessados em nós.

Pois é docência, nosso processo formativo não prezava muito a Educação em Ciências mais ligada a vida. Sentíamos-nos tão longe de tudo aquilo que era dito sobre os assuntos relacionados as Ciências, tanto na graduação quanto no mestrado, em alguns momentos quando tentávamos aproximarmo-nos com a correria do dia, das atividades acadêmicas, não nos atravessavam ao ponto que nos fizessem parar e compreender sobre o que estava sendo dito. Não que o dito não tivesse relação com o vivido, racionalmente sim, mas como não era considerado o que sentíamos parecia que não tinha vida. As aulas eram marcadas sobre questões sobre a vida, e “[...] dá vida, portanto, passou a importar sua mecânica, seus ritmos, os modos de preservá-los. Forma e função, pensadas

desde o micro até o macro, [...] Assim, a biologia ocupou-se do vivo deixando de fora a vida” (CHAVES, 2018, p.16).

Talvez os momentos mais violentos eram quando nos deparávamos com essas situações frente aos nossos alunos. Por que ao ensinarmos Ciências não conseguíamos tocá-los? Provocá-los? Sensibilizá-los? O que fazer com aquilo que fazem do nosso ensinar Ciências? Podemos sentir você nesses dois depoimentos abaixo:

Diante dos estudos e concepções construídas no ensino de ciências, com a formação de professor, em sala de aula meus futuros alunos poderão desenvolver de forma significativa os conteúdos trabalhando, buscando organizar os conteúdos de forma interdisciplinar abrangendo os conhecimentos prévios da sala de aula. Criar em sala de aula espaços que potencializam as aprendizagens nas diferentes áreas do conhecimento bem como a abordagem histórica dos conhecimentos, conduz a um ensino de Ciências mais enriquecedor, considerando a especificidade de cada sala de aula, o contexto do aluno em seu meio. (graduanda de pedagogia da disciplina Metodologia de Ciências, 2018).

Para que ocorram as mudanças no ensino de Ciências, necessita-se um trabalho de revisão dos conteúdos, o professor deve realizar questionamentos sobre, o que realmente o aluno necessita aprender para compreender a Ciência como parte da sua vida diária? Além desse questionamento, é necessário repensar nos métodos e práticas de ensino e promover momentos de participação e colaboração dos estudantes durante as ações didáticas. (graduanda de pedagogia da disciplina Metodologia de Ciências, 2018).

Sabe docência, percebemos falas tão mecanizadas, feitas, clichês, lugar comum do Ensino de Ciências, quando juntamos tudo num único parágrafo: as várias possibilidades metodológicas de ensinar Ciências, mas deixamos de lado a vida, os (des)caminhos, as (in)certezas, os medos. Talvez precisamos de um pouco mais de atenção as coisas miúdas como nos alerta Souza:

estar atento pode ser estar pronto para compreender o devir e a intensidade ao mesmo tempo. É, por um instante, ser capaz de afetar-se. Sendo o nosso tempo baseado na aceleração da vida através de seus supostos projetos produtivos, faz-se necessário encontrar uma poética que nos permita alcançar um outro tempo, aquele que descoberto e desvendado por nossa vivência, consiga atingir um pensamento me torno da delicadeza, da sensibilidade e da dignidade de viver (2016, p.25).

Reconhecemos que não é fácil um processo acadêmico que promova a experiência a não ser pelo imbricamento da vida em suas múltiplas dimensões, por deslocar modos de ver em meio ao movimento das incertezas, das frustrações e alegrias, das limitações e potencialidades. E por meio desse percurso movente que nos relacionamos e construímo-nos frente às escolhas de vida, de ideologias elegidas para olhar o mundo, a academia, as relações que criamos com o fazer científico e conseqüentemente com a própria Ciência. Vemo-nos numa condição de nos encontrar como professor(a)-pesquisador(a) e, assim, nos movimentamos pelo processo de pesquisar como barco à deriva que ao encontrar desencontramo-nos enquanto professores e pessoas, pois “as buscas que orientam nossos itinerários e nossas escolhas ao longo da vida são as buscas de si e de nós, de

felicidade, de conhecimento e de sentido. A busca de si é então o convite intrínseco do caminho de quem aprende a aprender consigo” (JOSSO, 2004, p.103). Nessa posição de professor(a)-pesquisador(a), temos tentado quebrar portos seguros construídos historicamente na docência em Educação em Ciências.

Sabemos que essas questões do ‘caminhar para si’ foram fundamentais para criar turbulências no seu caminho, não é mesmo senhora docência? Tensões que aqui descritas parecem ter acontecidas de forma linear e tranquila. Porém o sentimento sempre foi, e permanece sendo, de luta, de estudo, de esvaziar-se para em seguida preencher-se de outras ideias. Larrosa (2002, p. 19) detalha bem essa sensação: “[...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, [...], demorar-se nos detalhes, [...] abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros [...]”. Assim, você vai aparecendo cada vez mais intensa em nossas vidas, nos constituindo enquanto pessoas e nos fazendo aprender com você a ser melhor enquanto gente. Pois, é no seu dia-a-dia, ao se relacionar com os acadêmicos, com outros colegas de profissão, com os assuntos discutidos em sala e fora dela, que vão desde o pensamento sobre o que significa a vida até suas relações políticas, sociais, econômicas, culturais e pessoais, que nos possibilitam olhar para nós e sentirmo-nos humanos.

Querida docência, são tantas vivências que neste momento nos passam pelas lembranças, mas teremos outras oportunidades de diálogo e possibilidades de (re)pensar em outros modos de existências junto com você. Queremos dizer um até breve a partir de algumas palavras que ao pensar sobre você nos atravessaram nesse instante...

Docência é sentir a nós mesmos,

De forma inebriante duvidar, hesitar, questionar... quem somos nós?

É até resistência perante o que nos preenche ainda com o conservadorismo intelectual

Suavidades, vidas que transbordam a leveza de ser gente

Com sua incompletude e incertezas

Carrega a grande beleza de in-tensões diante da vida

que vibra por mu-danças envolvendo nossos corpos (des)aprendentes em busca de outros modos de performar na corda bamba ou em linhas cruzadas pelas nossas e de outras histórias...

Docência é verbo, é historiar vidas...criar modos de existências, é Vidar!!!

REFERÊNCIAS

BARROS, Manuel de. **Memórias inventadas**. São Paulo: Planeta, 2006.

CHAVES, S.N. Os sem sentidos da vida ou: a vida não tem sentido, invente o seu. In: RAMOS, Mariana Brasil; TRÓPIA, Guilherme. OLIVEIRA, Mário César Amorim de. (org) **Educação em ciências: práticas diferenciadas em ensinos e biológicas**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2018.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo, Cortez, 2004.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n 19 Jan/Fev/Mar/Abr. 2002, p.20-28.

NÓVOA, A. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.

NÓVOA, A. **Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora, 1992.

SOUZA, Fátima Maria da Rocha. **Armadilhas do tempo: fios de uma teia poética**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2016.

ZANI, Tina. A poesia na ação poética de escrita de cartas. **Linha Mestra**. n.36, set.dez.2018. p.116-119.